

DE PANINI AOS COMPUTADORES: A INTERDISCIPLINARIDADE DO LÉXICO

Edson Roberto Bogas Garcia –

(Centro Universitário de Votuporanga-SP.)¹

131

Resumo: As pesquisas desenvolvidas atualmente em importantes centros de investigação em Lexicologia e em Lexicografia têm possibilitado perscrutar um universo linguístico capaz de elucidar questões importantes de uma determinada sociedade. Essa constatação possibilita pensar, por um lado, na importância que têm assumido as perspectivas de estudos do léxico no Brasil e, por outro, na relevante contribuição de teorias que propiciaram o aprimoramento dessas ciências. Com base nessas premissas, o presente artigo tem como finalidade verificar, por meio de pesquisa bibliográfica, os estudos realizados sobre itens lexicais, desde Panini, por volta do V ou IV séculos antes de Cristo, até as mais recentes pesquisas da Linguística de Corpus sobre o uso de ferramentas tecnológicas para a extração e análise de lexias. Pudemos constatar, nesse percurso, que, apesar dos diferentes enfoques das disciplinas linguísticas e filosóficas, não há que se negar a natureza interdisciplinar do léxico e sua possibilidade de aplicação em diversas áreas.

Palavras-chave: linguística. léxico. Lexicologia. Lexicografia. Linguística de Corpus.

Abstract: Current researches in Lexicology and Lexicography have allowed the detailed examination of a linguistic universe able to elucidate important issues of a given society. Such evidences call the attention, on the one hand, to the importance of the perspectives on lexical studies in Brazil; on the other hand, to the relevant contribution of theories that led to the improvement of these two sciences. Based on these assumptions, this article aims to analyze, by means of literature review, the studies on lexical items since Panini, around the IV and V centuries B.C., until the most recent researches on Corpus Linguistics concerning the use of technological tools for their extraction and analysis. Despite the different approaches of linguistic and philosophical disciplines, this study demonstrated the interdisciplinary nature of the lexicon and its application in various areas.

Key-words: Linguistics, lexicon, Lexicology, Lexicography, Corpus Linguistics.

Introdução: o léxico de Panini, de Aristóteles e de Platão

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filhos”, câmpus de São José do Rio Preto-SP. Professor de Língua Portuguesa do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Votuporanga- SP - Brasil, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4814285342061299>. E-mail: edsonbog@terra.com.br.

O léxico, tomado aqui como “conjunto das palavras duma língua” (REY-DEBOVE, 1985, p. 50), não é um objeto de estudo recente na Linguística. Panini, que viveu no V ou IV séculos antes de Cristo, realizou uma análise completa do Sânscrito e, nela, apresentou uma distinção entre forma e conteúdo, entre língua objeto e metalinguagem, no nível lexical.

A Grécia, no Ocidente, por sua vez, pode ser considerada o berço das reflexões sobre a linguagem, apesar de “imaginarem que se pudesse falar e pensar somente em grego” (REY, 1970, p. 7). O interesse de Aristóteles pelas unidades lexicais recaía, no entanto, menos no aspecto de fenômeno de observação, mas como instrumento conceitual. O filósofo a considerava uma convenção social que possibilitava as operações da lógica. Para Platão, elas eram possível reflexo do mundo das ideias. Assim, era notória a importância entre as ULs e as coisas. Dessa concepção, podemos notar que este admitia também a convencionalidade do léxico para explicar que “a unidade lexical não pode conduzir ao conhecimento da ‘coisa em si’” (REY, 1970, p. 10).

Esses autores, dessa maneira, contribuíram, de forma decisiva, a partir de suas pesquisas, para as teorias que, mais tarde, começaram a estruturar a ciência da Linguística. É o que veremos na próxima seção.

1. Espaços teóricos: o léxico e a Linguística

Foi somente a partir do século XIX que o léxico começou a ser observado em sua natureza fonética e morfológica. Os neogramáticos desenvolveram um método comparativo, que culminou num “conjunto de princípios pelos quais as línguas poderiam ser sistematicamente comparadas, no tocante a seus sistemas fonéticos, estrutura gramatical e vocabulário, de modo a demonstrar que eram ‘genealogicamente’ aparentadas.” (WEEDWOOD, 2002, p. 105). Nessa escola, alguns aspectos pareciam

ser levados em consideração em relação ao léxico. O primeiro, relacionado ao papel da analogia. Segundo Weedwood (2002, p. 107):

Quando uma criança aprende a falar, tende a regularizar as formas anômalas, ou irregulares, por analogia com os padrões mais regulares e produtivos de formação na língua. Por exemplo, a criança tende a dizer “eu fazi” em vez de “fiz”, tal como diz “comi”, “abri”, “vendi” etc. O fato de a criança proceder assim é uma prova de que ela aprendeu ou está aprendendo as regularidades ou regras de sua língua. Ela prosseguirá seu aprendizado “desaprendendo” algumas das formas analógicas e substituindo-as pelas formas irregulares correntes na fala da geração anterior.

O segundo, sem dúvida, foi a presença dos estudos de Humboldt (1767), no tocante à ideia de que a língua era algo dinâmico. Para tanto, lançou os conceitos de *enérgia*: “Entender a linguagem como *enérgia* significa [...] considerá-la como atividade criadora em *todas* as suas formas. *Enérgia* é tanto a linguagem em geral como a linguagem enquanto fala. [...] são também as línguas [...] enquanto determinado historicamente.”² (COSERIU, 1977, p. 21). Para Weedwood (2002, p. 109), Humboldt acreditava que “uma língua não é um conjunto de enunciados prontos produzidos pelos faltantes, mas os princípios ou regras subjacentes que possibilitam aos falantes produzir tais enunciados e, mais que isso, um número ilimitado de enunciados”.

Para romper com a tradição comparatista e histórica, Saussure fundou o que conhecemos hoje como a linguística moderna. O autor postulou considerações acerca do que considerava o signo linguístico, uma entidade dicotômica e psicológica. O estruturalista ponderou que a relação dicotômica entre significado e significante devesse ser tratada dentro do sistema linguístico em que o signo estava inserido, ou seja, é essa relação arbitrária que possibilitava o estabelecimento do valor, já que, se essas duas entidades psíquicas estivessem separadas, em nada consistiriam. “O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa

² Entender el lenguaje como *enérgia* significa [...] considerarlo como actividad creadora en *todas* sus formas. *Enérgia* es tanto el lenguaje en general como el lenguaje en cuanto habla. [...] son también las lenguas [...] en cuanto determinado históricamente.

palavra de todas as outras”. (SAUSSURE, 2006, p. 137). De acordo com Nascimento (2009, p. 2641):

O interessante da língua é o jogo de oposições e combinações de signos, de letras, de palavras, de frases, de enunciados, de proposições, de discursos, no seu funcionamento, na produção dos sentidos. Diria, sobretudo, que nesse jogo o léxico oposto ou combinado significa em uma ciência dos signos. Não só os grafemas e os fonemas formam a unidade léxica, mas não nos esqueçamos de que a imagem compõe uma região que instaura a necessidade de um léxico e de um campo totalmente gramatical (morfológico, sintático, semântico etc.).

Sendo assim, de acordo com Nunes (2006, p. 153), “para o estudo do léxico, entendemos que as sistematicidades linguísticas se estabelecem no espaço diferencial e relacional entre os elementos lexicais”. O linguista ainda acrescenta que “o conjunto de relações que os elementos lexicais entretêm na língua é extremamente diversificado” (NUNES, 2006, p. 153). A distinção que se tem, por conseguinte, do léxico, é dada a partir do que o constitui: a característica, o valor e a unidade (NASCIMENTO, 2009, p. 2649).

Ressaltando a natureza opositiva do signo, evidenciamos o caráter de “valor” estudado por Saussure. Ilari (2004, p. 63) aponta que “toda teoria científica inovadora se caracteriza por propor um novo enfoque sobre o objeto estudado e que, no caso do saussurianismo, esse novo enfoque é dado pela noção de valor”.

Além disso, a ideia de valor, assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra. (SAUSSURE, 2006, p. 132)

Dessa forma, a própria ideia de valor reflete a necessidade de se iniciar uma análise do complexo ao mais simples: primeiro o conjunto do léxico, para chegar gradativamente às unidades lexicais isoladas, tendo em vista que eles só têm valor por meio das relações que mantêm entre si, ou seja, sua totalidade. Percebemos, dessa

maneira, que o valor determina a existência dos itens lexicais da língua, ou seja, são as relações que os signos entretêm entre si que fazem que existam.

Outras linhas de pesquisa linguística foram desenvolvidas dentro da concepção saussuriana (estruturais), porém, com diferentes enfoques. A escola linguística denominada de Glossemática, na Universidade de Copenhague e cujos nomes mais importantes foram Luis Hjelmslev e Viggo Bröndal, foi a que aplicou a tese de Saussure de que as línguas se constituem como sistemas de oposição. Àquele deu-se o estatuto das primeiras tentativas estruturalistas na Europa de explicar a significação do léxico por meio de traços semânticos. De acordo com Fiorin (2007, p. 69),

No entanto, há um certo ceticismo em relação à estruturalidade do vocabulário e, por conseguinte, à possibilidade de estudá-lo de um ponto de vista estrutural, pois, em oposição aos fonemas e morfemas, os vocábulos são, de um lado, numerosos (talvez em número ilimitado e incalculável) e, de outro, instáveis, dado que, a todo o momento, palavras novas são criadas, enquanto outras se tornam velhas e caem em desuso.

Entretanto, a teoria dos campos lexicais, como metodologia de sistematização, explicação e descrição das estruturas semânticas, teve um grande número de adeptos e recebeu várias designações ao longo do tempo: campo semântico, utilizada por Ipsen (1924), Jolles (1934) e Porzig (1934). Weisgerber fala dos campos léxicos. Trier (1976) evita o termo campo semântico, estabelecendo a diferença entre campo lexical e campo nocional. Bally (1977) trabalha com a denominação campo associativo. Guiraud (1972) introduz campos morfossemânticos e Matoré (1953) propõe os campos nocionais.

Ainda segundo Fiorin (2007, p. 71), “a semântica estrutural não visa propriamente ao sentido, mas a sua arquitetura, não tem por objetivo estudar o conteúdo, mas a forma do conteúdo”. Ela teria, por conseguinte, um ponto de vista imanente de categorias semânticas responsáveis, numa língua ou num estado de língua, pela criação de significados.

Vilela (1979, p. 24), com relação a essa análise componencial dirá que:

A teoria dos campos lexicais primordialmente apresentada por J. Trier com base nas idéias de articulação (W.v. Humboldt) e de sistema (F. Saussure), continuada nas idéias de figuras (ou não signos), de redução das classes abertas do léxico a classes fechadas de comutação (como processo metodológico) com L. Hjelmslev, desenvolvida com a aplicação dos métodos da fonologia ao plano do conteúdo com Coseriu e Pottier e aplicada por alguns lingüistas a domínios mais ou menos bem delimitados do léxico, constitui a base teórico-prática da análise componencial do estruturalismo europeu no domínio do léxico.

O autor, em sua obra, estuda a análise que fazem de campos lexicais alguns autores, tais como B. Pottier (campos lexical de “assento”), G. Wotjak e E. Nida (verbos de movimento), A. J. Greimas (sistema sémico da espacialidade), G. Mounin (o léxico da habitação), Geckeler (o campo lexical de “adjetivos de idade”), Coseriu (o campo lexical de “som”), entre outros. Para Vilela (1979, p. 47), em suma: “É a partir da teoria dos campos lexicais e com um tratamento estrutural que se constrói uma teoria apropriada para análise paradigmática do léxico”.

A partir de 1960, instaurou-se, em meio aos estudos dos campos, um novo paradigma linguístico liderado por Noam Chomsky, o qual postulava um novo objeto de estudo, a competência sintática determinada por estados de mente/cérebro que, por sua vez, podem ser manipulados por sistemas computacionais. Segundo Borges Neto (2001, p. 93),

[...] a teoria lingüística conhecida genericamente como *gramática gerativa* (a par com vários outros nomes que recebe em diferentes momentos) é um Programa de Investigação Científica, extremamente coerente, que começa a ser construído em meados do século XX e que se torna, já nos primeiros anos de existência, um modo de entender a estrutura da linguagem humana que pode ser contestado – o que é próprio das teorias científicas – mas que não pode ser ignorado.

Nessa época, Chomsky também se preocupava com o léxico. Em seus estudos, tendo em vista as operações de estruturas sintagmáticas e transformacionais, constatou que:

O léxico inclui somente informações imprevisíveis (mínima informação) e caracteriza simplesmente as entradas do componente lexical com traços

funcionais e semânticos, para estabelecer as restrições que devem ser impostas às regras de subcategorização sensíveis ao contexto (LORENTE, 2004, p. 25).

Seguindo o ritmo das diferentes reformulações do modelo proposto pelo pesquisador, o léxico foi tomando uma posição cada vez mais central. Em sua relação com a sintaxe, a centralidade do léxico está marcada ao enunciar-se o Princípio de Projeção como um princípio da gramática de caráter universal, a qual postula que a sintaxe se constitui como uma projeção do léxico.

O estudo das categorias léxicas e suas projeções, consideradas primordialmente enquanto a sua configuração sintática, na qual se incorporam as relações semânticas, marca outro estágio do avanço nas pesquisas a esse respeito. Além disso, por meio da organização em sintagmas próprios da estrutura sintática, podemos considerar que os itens verbais, por exemplo, são analisáveis em uma estrutura interna e que os níveis de representação devem incluir, além da representação da sintaxe, uma representação própria das ULs.

Com relação a essa independência da unidade lexical, Galves e Fernandes (2006, 101), descrevem que “o léxico é constituído de substratos onde os morfemas são adicionados uns aos outros na formação das palavras e onde as regras fonológicas são aplicadas depois da adição de cada morfema”. E acrescentam:

No primeiro substrato estão as representações lexicais subjacentes, como lista de morfemas, condições de estrutura morfológica e formas irregulares. O segundo substrato lexical [...] é responsável pela aplicação de regras de formação de palavras por derivação, pela adição dos morfemas derivacionais. Os morfemas derivacionais possuem a característica de alterar a categoria gramatical de uma palavra, não são produtivos, ou seja, não é qualquer morfema derivacional que pode ser adicionado a qualquer raiz e há muitas restrições de co-ocorrência operando sobre eles. [...] Já o terceiro substrato também é responsável pela aplicação de regras de formação de palavras, porém, não por derivação [...], mas por flexão, através do acréscimo dos morfemas flexionais. [...].

A partir desse momento, Lorente (2004, p. 25) diz que “os interesses lexicológicos se concentram, por um lado, no desenvolvimento de mecanismos

descritivos da criatividade lexical [...] e, por outro, no estabelecimento de modelos de estruturação do componente lexical”.

As perspectivas trazidas pelo avanço das tecnologias também possibilitaram estudos na tentativa de prosseguir os estudos em relação ao léxico. Zavaglia (2006, p. 248) argumenta que:

O processamento de uma língua natural bem como a compreensão do fenômeno da linguagem natural são temas de maior interesse, nos dias de hoje, para ciências como a Inteligência Artificial, a Linguística Computacional, a Tradução Automática, entre outras. A introdução do computador no cotidiano das pessoas afetou a sua maneira de enxergar o mundo, transformando-as em seres mais conscientes e exigentes não somente com o mundo a seu redor mas também com o mundo além-mar, sem fronteiras, atingível e acessível, em segundos, por meio da Internet, a rede mundial de computadores.

O processo, porém, foi demorado se levarmos em conta, atualmente, a evolução desses aparelhos computacionais. No entanto, já na década de 60, com relação ao estudo lexical, Biderman (2001) aponta alguns trabalhos de análise estatística, literária e sintática dessa época. Apenas para informar, interessante nos parecem os estudos para estabelecer listas hierárquicas de fonemas, ou de letras realizados por O. Sangiorgi, pelo Instituto de Tecnologia da Aeronáutica (ITA), de São José do Campos e por John C. Duncan. Além disso, foram criados bancos de informações linguísticas e, a partir deles, vários tipos de dicionários que permitiram avançar nos estudos de Lexicografia.

Esses aparatos tecnológicos, cada vez mais potentes, propiciaram o armazenamento, o processamento e a recuperação quantitativa de grandes dados linguísticos, permitindo que os estudiosos da linguagem dessem novos direcionamentos às pesquisas em diferentes campos de investigação. Assim, por exemplo, os trabalhos baseados em *corpus* deixaram de ser morosos e pouco confiáveis (como apregoavam os gerativistas) e passaram a contar com ferramentas que fornecem meios para avaliar as problemáticas a serem investigadas, principalmente sobre o léxico.

Dentro das novas perspectivas de análise evidenciadas pelos computadores, a Linguística de Corpus (doravante LC) tem tido, ultimamente, um papel

importante nos estudos linguísticos, tornando-se uma das mais fortes metodologias de análises empíricas.

A LC, área do conhecimento que se ocupa “da coleta e exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais [...] com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística”. (BERBER SARDINHA, 2000, p. 325), começou a se despontar no cenário da Linguística graças a Sinclair (1991), conhecido como o maior linguista de *corpus* da história, tendo em vista o seu trabalho pioneiro na área de léxico, responsável pela elaboração do COBUILD, Collins Birmingham University International Language Database, o primeiro dicionário compilado a partir de um *corpus* computadorizado.

Se tomamos a definição acima e se consideramos os breves aspectos pertinentes aos estudos saussuriano e chomskiano discutidos nesta mesma seção, podemos notar claramente que a LC passa a questionar, do primeiro, os conceitos de *langue/parole* e, do segundo, a dicotomia competência/desempenho, pois prescindem das evidências coletadas por meio de pesquisa em *corpus*. Essa abordagem, portanto, não considera a língua como um sistema de normas e regras, mas como um fenômeno social; portanto, acredita que seu uso é heterogêneo e pode ser empiricamente estudado com *corpora*. Segundo Costa e Miranda (2011, p. 168), é:

vantajosa a utilização de *corpora* na investigação da linguagem, não só por oferecer acesso a informações inacessíveis a introspecção do pesquisador, mas também por permitir descrições mais precisas, e reais, de um determinado objeto, já que as informações emergem naturalmente dos dados.

Além disso, dentro de sua proposta empírica, tenta estabelecer, por meio da observação e de estatísticas, que a variação de uma língua não é aleatória e que existem conjuntos de traços linguísticos variáveis sistematicamente nos vários tipos de contextos comunicativos.

Berber Sardinha (2000, p. 339) pressupõe quatro pré-requisitos para a formação de um *corpus* computadorizado. De acordo com o autor, resumidamente, ele: (a) deve ser composto de textos autênticos, em linguagem natural; (b) Com relação à

autenticidade, deve tratar textos escritos por falantes nativos (quando não, deve-se deixar bem claro no trabalho); (c) o conteúdo deve ser escolhido com critério (com atenção à naturalidade e à autenticidade) e ter como objetivo sanar as dúvidas que se pretende observar e (d) tem de ter representatividade.

Stubbs (1996) acrescenta também a esses pré-requisitos que a LC é, essencialmente, uma ciência social e uma ciência aplicada, já que estuda o significado: forma e significado são inseparáveis e, portanto, não há fronteira entre léxico e gramática. Eles são, assim, interdependentes.

Ainda em relação à representatividade, podemos considerar, à primeira vista, que todo *corpus* é representativo de uma língua, de um idioma ou de uma variedade dele. Uma das características associadas a sua representatividade é a extensão. Berber Sardinha (2000, p. 346) sugere a seguinte classificação:

Tamanho em palavras	Classificação
Menos de 80 mil palavras	Pequeno
80 a 250 mil palavras	Pequeno-médio
250 mil a 1 milhão	Médio
1 milhão a 10 milhões	Médio-grande
10 milhões ou mais	Grande

Tabela 1: classificação da extensão de um *corpus*.

Por conseguinte, quanto maior um *corpus*, mais representativo será. Além disso, se consideramos que a língua tem um caráter probabilístico, a representatividade está também associada à probabilidade. Se atentamos para as palavras raramente usadas no português, por exemplo, quanto maior o *corpus*, maior será a probabilidade de elas aparecerem.

Outro fator de grande importância para a LC é como medir a probabilidade. A lista de frequência, para isso, pode ser considerada o instrumento inicial para fazê-lo, pois consegue registrar cada item lexical e sua ocorrência no *corpus* que se pretende

estudar, além de listar todas as palavras que o compõem. Valendo-se desses dados, determinam-se quais são as mais frequentes nesse *corpus*.

Um estudo de Alves e Tagnin (2011), a partir de 84 trabalhos desenvolvidos na área, evidenciou a pluralidade de aplicações da Linguística de Corpus, no Brasil, como ferramenta teórico metodológica para pesquisa linguística, identificando cinco áreas em que ela está presente: a) tradução; b) descrição da linguagem; c) ensino; d) terminologia e; e) Processamento de Linguagem Natural (PLN)”.

Com relação aos recursos para trabalhar com a Língua Portuguesa, Berber Sardinha (2004, p. 3) relata que:

Já contamos com muitos recursos para a pesquisa, a começar com corpora eletrônicos disponíveis à comunidade em geral. O Banco de Português tem parte de seu acervo na Web. O Lácio Web já se encontra na Web e tende a crescer. O Tycho-Brahe, de português histórico, também está na Web há muitos anos. Fora do Brasil, a Linguatca já disponibiliza vários corpora em português, inclusive o do NILC, de português brasileiro, há um certo tempo. Temos software para análise de corpus em português, como etiquetadores. Temos também literatura sobre corpora em português, artigos, dissertações, um livro, muitas apresentações nos mais variados encontros científicos relacionados à linguagem, como os Encontros de Corpora (www.nilc.icmc.usp.br/iiiencontro), o GEL (www.gel.org.br), o InPLA (lael.pucsp.br/inpla), o CIATI (www.unibero.br), o CBLA (lael.pucsp.br/cbla), entre outros. Há também vários grupos de pesquisa cadastrados no CNPq que utilizam corpora.

Em Lexicologia, são inúmeros os trabalhos que tomam a LC como ideal para os procedimentos metodológicos. Na Lexicografia, mais especificamente, muitas pesquisas baseadas em *corpus* têm servido para aprimorar a estruturação de glossários e dicionários.

Conclusão

O presente artigo foi desenvolvido a partir da perspectiva de que as possibilidades de pesquisar aspectos linguísticos por meio do léxico têm merecido particular interesse, nos últimos anos, especificamente por parte da Lexicologia, da

Lexicografia e da Linguística de Corpus. Essas ciências têm promovido debates acerca da importância que os itens lexicais desempenham em contextos em que a língua produz significados para desvendar características essenciais de uma determinada sociedade.

Em virtude disso, tivemos como escopo inicial evidenciar que o léxico, como objeto de estudo, data de tempos remotos. Já antes de Cristo, pesquisas já tomavam como base as lexias. No mundo ocidental, Aristóteles e Platão, tomando-as como convenção, achavam-nas fundamentais para se conhecer o indivíduo e o mundo.

Em séculos mais recentes, com o desabrochar dos estudos lingüísticos, começou-se a pensar em sua natureza fonética e morfológica e na possibilidade de que, comparando as línguas, poder-se-ia notar traços de semelhança entre elas.

A escola estruturalista, em suas diferenças concepções, estabeleceu pontos de diferenças de análise entre as unidades lexicais, permitindo supô-las em seu caráter diversificado. A partir dessa idéia, uma série de estudos foram realizados, nos quais as línguas eram tratadas em seu sistema de oposição, por meio de traços semânticos.

A competência sintática determinada por estados de mente/cérebro que, por sua vez, podem ser manipulados por sistemas computacionais, representou um paradigma de ruptura com os estudos anteriores. Em investigações mais aprofundadas, passou-se a considerar o léxico como independente em sua formação e estrutura.

Acompanhando essa perspectiva, a tecnologia possibilitou desenvolver questões sobre as ULs, propiciando o armazenamento, o processamento e a recuperação quantitativa de grandes dados lingüísticos, permitindo que os estudiosos da linguagem dessem novos direcionamentos às pesquisas em diferentes campos de investigação.

Neste estudo bibliográfico preliminar notamos, portanto, que, apesar dos diferentes enfoques, não há que se negar as várias possibilidades de aplicação do léxico. Para finalizar, evidenciamos a declaração de Xatara (2006, p. 97), a qual reflete esse diálogo interdisciplinar constante:

Se investigar a aquisição e memorização do léxico, seja da língua materna, seja da língua estrangeira, o lexicólogo estará fazendo uma interface com a Linguística Aplicada ao Ensino e com a Neurolinguística. Se observar os

registros e níveis de linguagem, este pesquisador buscará subsídios na Sociolinguística. Se tratar das redes de significação (a sinonímia, a polissemia e homonímia, a metaforização), a interface será com a Semântica Lexical. A origem e a evolução semântica das palavras, por sua vez, levam o lexicólogo à Etimologia. Já no emprego das palavras nos enunciados, irá fatalmente recorrer à Sintaxe e à Análise do Discurso. Também para estudar as características principais de uma unidade lexical especial, a Lexicologia pode se entrelaçar com a Fraseologia ou a Terminologia.

Referências

ALVES, D; TAGNIN, S.E.O. Pela visibilidade da Linguística de Corpus em trabalhos acadêmicos. In: X ENCONTRO DE LINGÜÍSTICA DE CORPUS: ASPECTOS METODOLÓGICOS DOS ESUDOS DE CORPORA. DUTRA, D. P.; MELLO, H. R. (Orgs.). **Anais do X Encontro de Linguística de Corpus : aspectos metodológicos dos esudos de corpora**. Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2012.

BERBER SARDINHA, T. **Lingüística de Corpus**. Barueri (SP): Manole, 2004.

_____. Lingüística de Corpus: histórico de problemática. **DELTA**, São Paulo, vol. 16, n. 2, 323-367, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 15 fev. 2011.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística**: teoria lexical e lingüística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (coleção leitura e crítica).

BORGES NETO, J. O empreendimento gerativo. In: MUSSALIN, F; BENTES, A. **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos. v.3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 93-128.

COSTA, I.O.; MIRANDA, N. S. A construção superlativa de expressão corporal: uma análise baseada em corpora. In: X ENCONTRO DE LINGÜÍSTICA DE CORPUS: ASPECTOS METODOLÓGICOS DOS ESUDOS DE CORPORA. DUTRA, D. P.; MELLO, H. R. (Orgs.). **Anais do X Encontro de Linguística de Corpus : aspectos metodológicos dos esudos de corpora**. Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2012.

COSERIU, E. **El hombre y su lenguaje**. Madri: Editorial Gredos, S.A., 1977.

FIORIN, J.L. Enunciação e semiótica. **Enunciação e discursos**. Santa Maria(RS), n. 33, p. 69-97, maio 2007.

GALVES, C.; FERNANDES, F. R. Morfologia e sintaxe. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI- FONTANA, M. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem**: a palavra e a frase. Campinas: Pontes, 2006, p. 75-112.

ILARI, R. O Estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 53-92

LORENTE, M. Lexicologia, uma intersecção de caminhos. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, lexicografia e terminologia. Vol. II. Campos Grande-MS: Editora da UFMS, 2004. p. 19-30.

NASCIMENTO, L. do. Saussure: a semiologia e o léxico no ensino de língua portuguesa no Brasil. **Cadernos do CNLF**, vol. XIII, n. 4. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2009. p. 2637-2661. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/tomo_3/saussure_a_semiologia_e_o_lexico_no_ensino_de_linuga_LUCAS.pdf. Acesso em 12 de julho de 2010.

NUNES, J. H. Lexicologia e lexicografia. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI- FONTANA, M. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem**: a palavra e a frase. Campinas: Pontes, 2006, p. 147-172.

REY, A. **La lexicologie**. Paris: Klincksieck, 1970.

REY-DEBOVE, J. **La linguistique du signe**. Paris: Armand Colin, 1985.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

STUBBS, M. **Text and corpus analysis**: computer-assisted studies of language and culture. Oxford: Blackwell, 1996.

VILELA, M. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Almedina, 1979.

WEEDWOOD, B. **História concisa da lingüística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

XATARA, C. M. A interdisciplinaridade na lexicologia e lexicografia. In: MARCHEZAN, R. C.; CORTINA, A. (Orgs.). **Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito**. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 97-106.

ZAVAGLIA, C. O papel do léxico na elaboração de ontologias computacionais: do seu resgate à sua disponibilização. In: MARTINS, E. S.; CANO, W. M.; MORAES

FILHO, W. B. (Orgs.). **Linguística IN FOCUS** - Léxico e morfofonologia: perspectivas e análises. Uberlândia: EDUFU, 2006, v. IV, p. 233-274.